

**“Um século de progresso” - 1862-1962:  
A construção da memória sobre a transformação da  
agricultura norte-americana**

A century of progress – 1862 – 1962:  
The memories construction about the transformation of american  
agriculture

*Leonardo Ribeiro Gomes*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutor em História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Atualmente é servidor do Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG. E-mail: leonardo.gomes@ifmg.edu.br.

## RESUMO

Este artigo discute como no início da década de 1960 foram reavivadas as medidas do congresso norte-americano de 1862 sobre a transformação da agricultura. Para além do desenvolvimento agrícola ou da economia no geral, aquelas comemorações atualizavam a almejada projeção do americanismo como forma de fazer frente aos outros projetos em disputa, sobremaneira à expansão do socialismo de cariz soviético em um contexto de tensão internacional no início da década de 1960. Mais do que uma efeméride e exposição dos avanços da agricultura norte-americana, estavam delineados a defesa da visão de mundo a ser exportada para outras nações, principalmente os da América Latina. Nesse trabalho trato como fontes, sobretudo, o mural localizado na *Purdue University*, intitulado *The Spirit of the Land Grant College* de 1961, o artigo de Byron T. Shaw, publicado na Revista Turrialba, periódico do país centro-americano, Costa Rica, mais o *The Yearbook of the U.S. Department of Agriculture*, ambos de 1962.

**PALAVRAS-CHAVE:** Departamento de Agricultura dos Estados Unidos; Agricultura norte-americana; Guerra de Secessão; Guerra Fria.

## **ABSTRACT**

This article discusses how the early 1960s the 1862 were revived the American Congress measures aimed at transforming agriculture. Beyond the development of agriculture or economic in general, the celebrations were an update of desired projection of Americanism as way to face the others projects in dispute, above all, that referent the expansion of socialism of Soviet nature, in a context of international tension in the early 1960s. More than an ephemeris and exhibition of the advances of American agriculture, were outlined the defense of worldview to be exported to others nations, mainly for the American Latin. In this work, the sources were the poster located in the Purdue University, called The Spirit of the Land Grant College of 1961, the article by Byron T. Shaw, published in Revista Turrialba, a periodical from the Central American country, Costa Rica, more The Yearbook of the United States Department of Agriculture, both from 1962.

**KEYWORDS:** United States Department of Agriculture; North American Agriculture; Secession War; Cold War.

Em meio à Guerra de Secessão (1861-1865) a agricultura norte-americana passou a ter novos matizes com as medidas aprovadas pelo Congresso dos Estados Unidos em 1862. A promulgação da Lei Morrill que criou o sistema de *Land-Grant College* e o *The United States Department of Agriculture*<sup>2</sup> – USDA, bem como a aprovação do *Homestead Act* representam uma viragem na história da agricultura daquele país. Elas exprimem o momento de uma tomada de racionalização da produção, ao mesmo tempo em que põe em evidência a necessidade da valorização de uma educação prática.

As medidas de 1862 impactariam no desenvolvimento de outras ações que buscaram a modernização agrícola dos Estados Unidos a partir daquele momento. Um exemplo foi o Serviço de Extensão Cooperativa dos Estados Unidos criado em 1914 com a aprovação do *Smith-Lever Act* pelo Congresso daquele país (Silva, Oliveira, 2010). Nesse sistema havia uma conjunção de esforços envolvendo o USDA, as *Land-Grants* e os governos locais na promoção de ações educativas voltadas aos *farmers*<sup>3</sup> e seus familiares, incluindo os meninos e meninas, rapazes e moças organizados em torno de clubes juvenis rurais, dos quais os *4-H Clubs (Head, Hands, Heart, Health)* foram um dos principais exemplos práticos. Clubes juvenis rurais inspirados no modelo dos Estados Unidos foram criados também em países latino-americanos, incluindo o Brasil, na segunda metade do século XX (Gomes, 2019).

A legislação aprovada na segunda metade do século XIX buscava garantir a base jurídica para o que pretendiam ser o desenvolvimento da agricultura assentada em pilares tais como a racionalidade científica e a difusão de ensinamentos práticos para os *farmers*. Ocupar terras públicas e torná-las

---

<sup>2</sup> Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Utilizarei a partir daqui apenas a sigla em língua inglesa desse órgão do governo norte-americano. Todos os trechos em língua inglesa e também em espanhol tiveram a minha tradução.

<sup>3</sup> Agricultores.

mais férteis, quando fosse esse o caso, ou melhorar, aumentar e racionalizar a produção, diminuir e evitar perdas, introduzir maquinário, incentivar o mercado interno e contribuir com o desenvolvimento da agricultura, eram alguns dos objetivos daquelas medidas legais de 1862. Elas davam um caráter nacional e científico às iniciativas que em âmbito local tentavam promover a transformação da agricultura nos Estados Unidos, desde fins do século XVIII, baseadas no compartilhamento de saberes e experiências dos *farmers*.

Obviamente que essa propalada transformação da agricultura em ares modernos visava alcançar todo o país. Ao mesmo tempo ela pretendia iniciar a produção nessa mentalidade nas áreas a serem ocupadas no Oeste, território para qual se dirigia a colonização na segunda metade do século XIX.

Aliás, as atividades agrícolas tiveram um papel central na constituição do território norte-americano e por que não, na difusão da crença de que aquele povo seria movido pela noção *self-made man*. Noção essa que atravessará os tempos, como sinônimo do povo norte-americano como engenhoso, criador, desbravador e, principalmente como sendo aquele que supera os obstáculos pelas suas habilidades, conhecimentos, esforço e desprendimento.

Desde a chegada dos primeiros colonos ingleses à América do Norte no início do século XVII se difundiu a ideia de que os primeiros colonos teriam se forjado na prática e na superação de diferentes barreiras. Foi em torno das atividades agrícolas e do rompimento dos obstáculos impostos pela natureza selvagem que também se construiu o mito de um povo predestinado. Assim, teriam aprendido a fazer, a agir e a produzir diante de dificuldades naturais, escassez de recursos financeiros e técnicos e do enfrentamento às populações consideradas inimigas.

Desenvolveu-se, dessa forma, um espírito de sobrevivência e superação que carregará com cores fortes a crença do norte-americano como sendo a do povo escolhido e com um destino a ser percorrido que deveria ser marcado por

êxito e prosperidade. Essas noções, aliás, foram utilizadas em vários momentos da história dos Estados Unidos como justificativas para as inúmeras interferências culturais, políticas e econômicas que, motivadas por interesses de indivíduos ou de grupos e do próprio Estado norte-americano, foram promovidas em diferentes regiões do mundo, incluindo, claro, a América Latina. É inegável que as atividades agrícolas foram de suma importância na constituição desse *ethos* que se forjou para o norte-americano. E não há dúvidas de que os primeiros colonos tiveram que reagir frente às restrições e asperezas de toda ordem. Todavia, interessa-me aqui, como em torno dessa tradição foi construída e difundida a ideia de que esse povo teria atributos que os diferenciava de outras sociedades e culturas e como esse anúncio se fez por diferentes caminhos e modos.

Demonstrações dessa retórica podem ser observadas em referências à Carnegie, Vanderbilt, Morgan, Rockefeller, por exemplo. Esses foram alguns dos nomes que, seja no final do século XIX ou início do XX, se destacaram em diferentes ramos da economia em um momento marcado pelo chamado capitalismo monopolista. A riqueza, o poder e o prestígio alcançado por eles foram associadas às suas supostas trajetórias de homens laboriosos, inventivos, geniais (Karnal et al, 2016, p.151). Desconsideram, por outro lado, que tais sujeitos só foram possíveis devido também às condições materiais reais vivenciadas pelos Estados Unidos, principalmente a partir de meados do século XIX.

Processo de industrialização acelerado, modernização das atividades agrícolas, acúmulo de capitais, mão-de-obra barata e matéria-prima disponíveis, bem como um mercado consumidor interno e externo foram algumas das razões que contribuíram para que no início do século XX os Estados Unidos se despontassem como potência econômica.

O historiador Eric Hobsbawm (1996) em uma obra clássica sobre as revoluções do século XVIII e XIX também realçou o papel do indivíduo, quando as amarras das sociedades aristocráticas foram arrebatadas. Chama-me atenção o destaque dado aos Estados Unidos, quando supõe que teria sido esse país onde a máxima 'carreiras ao talento' tenha se estendido para quase todos. Como legados das Revoluções (Francesa e Industrial) estariam a abertura das "carreiras para o talento ou, pelo menos, para a energia, a sagacidade, o trabalho duro e a ganância. Não para todas as carreiras nem até os últimos degraus superiores do escalão, *exceto talvez nos Estados Unidos*" (Hobsbawm, 1996, p.211, grifos do autor). O mito dos Estados Unidos como terra das oportunidades e facultado às ações de indivíduos capacitados tem uma longa história e pregnância, apesar das inúmeras contradições presentes naquele país.

A crença em uma suposta superioridade moral e intelectual dos norte-americanos, bem como que estariam imbuídos de uma suposta missão divina tiveram várias consequências. As construções memorialísticas e de enaltecimento às contribuições dos Estados Unidos nos mais diferentes ramos do engenho humano, incluindo, claro, as atividades relacionadas à agricultura, foram marcas desse processo.

Um exemplo, inequívoco desse processo, trata-se de uma das datas mais significativas para os Estados Unidos. Refiro-me às comemorações do *Thanksgiving Day*, uma celebração que remete ao agradecimento pelo sucesso nas atividades agrícolas. A primeira celebração do Dia de Ação de Graças teria ocorrido no outono de 1621 onde é atualmente Massachusetts, nos Estados Unidos (Morais, 2018)<sup>4</sup>. Naquela ocasião foi comemorada a farta colheita de

---

<sup>4</sup> A autora apresenta um histórico em torno das comemorações do *Thanksgiving Day*, inclusive remetendo às celebrações que teriam ocorrido antes do ano de 1621, que acabou tendo um caráter mítico devido seu caráter fundacional. De acordo com Morais (2018, p.111), só em 1863, em plena Guerra de Secessão que o presidente Lincoln instituiu o *Thanksgiving* como feriado nacional. Nessa ação estava a busca de criar um passado comum, uma memória que remetesse a uma mesma origem que assim pudesse ser um

milho. Os anos anteriores haviam sido bastante difíceis, marcados por problemas de diferentes origens, dentre as quais as rigorosas condições naturais. Especificamente no ano de 1620 um rigoroso inverno arrasou as plantações. Na celebração de 1621 teria ocorrido a presença de índios da tribo Wampanoag e no banquete o:

cardápio foi reforçado com uma ave nativa, o peru, e tortas de abóbora. Desde então, os norte-americanos repetem, no mês de novembro, a festa de Ação de Graças, reiterando a ideia de que eles querem ter os "pais peregrinos" de Massachusetts como modelo de fundação (Karnal *et al*, 2016, p.46).

O sucesso, porém, das atividades agrícolas, não seriam apenas a benesse obtida a partir da graça divina. Ele também seria o resultado do trabalho das mãos e a capacidade de cada indivíduo em superar as adversidades e dominar a natureza. Esses atributos foram de tal forma considerados como sinais da ação de Deus sobre as pessoas. Aqueles que obtivessem sucesso nas colheitas e no trabalho em geral, associados a um forte apelo moral, seriam o sinal visível que estariam salvos e que eram, assim, o povo escolhido<sup>5</sup>. O trabalho agrícola esteve na base da constituição desse *ethos* para o americano e tudo aquilo que girava em torno dessas atividades associado a uma determinada ideia de inocência e temperança:

O campo, o meio rural, teve papel fundamental na cultura americana. De modo geral, os mais conservadores, até os dias atuais, condenam as grandes cidades como centro do pecado e

---

contributo na luta pela manutenção da União em meio à guerra. Para Tota o *Thanksgiving* "é celebrado até hoje como a celebração mais importante do americanismo e nativismo" (2014, p.46).

<sup>5</sup> Aqui temos um dos pressupostos básicos do protestantismo de vertente puritana. Apesar de a religiosidade ser um dos pilares do que se tornaria a América e os americanos, nesse artigo não aprofundo os diferentes matizes religiosos, inclusive, do protestantismo nos Estados Unidos. Para esse tema ver, sobretudo: Weber, 2004.



da perdição e enaltecem as pequenas comunidades como o centro da pureza, da retidão, considerando-se representantes dos verdadeiros americanos (Tota, 2014, p.20).

Mas, se, por um lado, essa associação à pureza foi realizada em relação à agricultura, por outro, o meio rural também foi atrelado à ideia de homens rudes, incultos e até violentos.

É bastante significativo que a base legal voltada à agricultura tenha sido aprovada durante o ano de 1862, em um dos momentos mais tensos e violentos de toda a história norte-americana: a Guerra de Secessão. Naquela ambiência as diferenças entre regiões do país ganharam outras concepções. Obviamente que aquele confronto não fora motivado por uma disputa entre campo *versus* cidade, primitivo *versus* civilizado. Porém, a permanência de elementos no meio rural, considerados impeditivos ao desenvolvimento do país e, ao mesmo tempo, uma concepção progressista, industrialista, urbana, por outro lado, estiveram no centro do debate daqueles anos de conflitos.

O Sul, região agrícola, foi associado ao atraso, ao primitivo, ao selvagem. Já o Norte foi associado ao moderno, ao progresso, ao civilizado. Se o acesso à terra ao máximo de pessoas e a formação de um país em torno de associações de pequenos produtores talvez tenha sido o ideal máximo defendido, por exemplo, por Thomas Jefferson (1801-1809)<sup>6</sup>, isso, claro, conectado aos princípios do direito à Liberdade e à Propriedade, os anos em torno da Guerra de Secessão puseram em risco esses objetivos, além de ter sido, evidentemente, uma verdadeira ameaça à União. Aliás, debates em torno dos significados práticos desses princípios na vida da população e em relação aos rumos a serem seguidos pela agricultura nos Estados Unidos estiveram em pauta bem antes do conflito separatista e continuaram durante aqueles anos sangrentos.

---

<sup>6</sup> Thomas Jefferson foi o terceiro presidente dos Estados Unidos (Karnal *et al*, 2016).

O confronto entre o Norte e Sul levou à possibilidade real do rompimento da União. A guerra fora motivada, dentre outras razões, por visões antagônicas em relação à manutenção da escravidão e de leis protecionistas às atividades industriais e agrícolas, iniciado logo após a eleição presidencial de Abraham Lincoln. Dela resultariam aproximadamente 620 mil soldados mortos, o maior número de baixas de toda a história militar norte-americana<sup>7</sup>.

A Secessão não foi alcançada como almejavam os Estados Confederados do Sul comandados por Jefferson Davis. Não obstante aos impactos psicológicos e das feridas não cicatrizadas daqueles anos, a vitória da União significou o início de uma nova época e, talvez, o próprio despertar dos Estados Unidos como potência econômica. Se por um lado houve um rastro de destruição e mortes, por outro lado, o fim da guerra representou esse marco no processo de fortalecimento dos Estados Unidos enquanto nação e, principalmente das bases do seu desenvolvimento do ponto de vista econômico. A Guerra não deixou incólumes as atividades agrícolas daquele país.

Passados cem anos daqueles eventos do século XIX, em 1962, em pleno contexto de recrudescimento de um outro conflito, a Guerra Fria, o primeiro centenário dos atos de 1862 (*Lei Morrill, Land-Grant Colleges, USDA, Homestead Act*) foi rememorado. Ele teve destaque com uma série de referências e análises em diferentes meios que procuravam realçar o papel do desenvolvimento da agricultura para os Estados Unidos. Mais do que discorrer sobre tais medidas, interessa-me como elas foram resgatadas, um século depois, a fim de reacender a memória daqueles anos em uma nítida reafirmação do Americanismo a ser difundido por outras partes do mundo.

---

<sup>7</sup> Não se sabe com exatidão o número de civis mortos durante e por causa da guerra, mas certamente esse número chegou a casa dos milhares. Seus impactos foram sentidos ainda por anos na economia e, claro, no imaginário construído acerca do conflito que colocou em lados opostos o Sul e Norte do país (Tota, 2014, p.86).

### **O mural: *The Spirit of the Land Grant College***

No hall da Biblioteca de Humanidades, Ciências Sociais e Educação da Universidade Purdue<sup>8</sup>, em West Lafayette, no Estado de Indiana, está o mural *The Spirit of the Land Grant College*. O mural apresenta os princípios de uma determinada tradição sobre os Estados Unidos e os norte-americanos, incluindo uma perspectiva educacional bastante específica do século XIX e dos avanços alcançados a partir dela.

Todavia, ao mesmo tempo em que traz uma narrativa sobre aspectos do século XIX nos Estados Unidos, o mural também nos diz muito sobre a época em que foi elaborado, o contexto inicial da década de 1960.

Com dimensões consideráveis (17,93 x 3,42) e nome pomposo, o mural foi confeccionado em 1961 pelo artista Eugene Francis Savage (1883-1978), que também foi professor na Universidade de Yale. A Universidade de Purdue recebeu o mural como presente ofertado pelo Sr. e Sra. Walter Scholer e pelo Sr. e Sra. Robert Bruce Stewart, personagens envolvidos com a construção/expansão daquele campus universitário<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> A Universidade Purdue (*Purdue University*) teve papel relevante no trabalho de estruturação do Serviço de Extensão Rural no Brasil a partir, principalmente, da década de 1950, após cooperação realizada com a então UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

<sup>9</sup> <https://www.lib.purdue.edu/libraries/hsse/spiritlandgrant>. Acesso em 26/10/2024.

Figura 1 - The Spirit of the Land Grant College



Fonte: [http://rhopkins.us/usnw/images/DSC\\_6761a.jpg](http://rhopkins.us/usnw/images/DSC_6761a.jpg). Acesso em 26/10/2024.

O mural em análise<sup>10</sup> traz em seu nascedouro um propósito elogioso, uma exaltação ao passado. Nesse sentido liga-se à ideia primeva da expressão monumento como aquilo que se associa a ideia positivada de recordação, memória ou herança do passado que se quer preservar. Assim uma escultura, um troféu, um edifício, um templo e, porque não, um mural como exemplos daquilo que se liga ao significado de *monumentum*, ou seja, de um sinal do passado, algo a ser rememorado para que não se perca nas gerações futuras.

O mural *The Spirit of the Land Grant College* visa, desde a sua concepção, enaltecer a engenhosidade norte-americana e todos os feitos industriais e agrícolas, e o faz através da valorização do saber científico. Para tal ele realça elementos da educação nos Estados Unidos, principalmente daqueles desempenhados pelos *land-grant colleges*, universidades criadas em meados do século XIX com o propósito de uma educação prática voltada para a solução de problemas cotidianos da população. Um dos significados de monumentos como o mural aqui tratado é justamente esse vínculo com o passado.

---

<sup>10</sup> A análise do referido mural ocorreu de forma indireta. Não o acessei de forma presencial na Biblioteca da Universidade de Purdue. Nesse artigo, trabalhei sob o prisma dos limites e possibilidades da chamada História Digital, conforme Barros (2022). O mural foi tratado como fonte histórica do tipo digital. Ele é uma fonte histórica que existe no mundo físico e que foi digitalizada e em seguida disponibilizada na internet (Barros, 2022, p.73).

O monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória colectiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos (Le Goff, 1974, p.95).

Todavia, interessa-me aqui tratar o mural, a princípio um monumento, no seu sentido clássico, com a percepção de que o mural é, de fato, um documento e, portanto, merecedor da crítica histórica:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 1974, p.102).

Crítica histórica que trata o documento como fonte. Essa, porém, entendida como sendo um indício do passado, do que uma prova irrefutável de verdade, imaculada e sem as interferências do tempo e de atores históricos na sua realização no presente enquanto tal:

O termo "indícios" refere-se a manuscritos, livros, impressos, prédios, mobiliário, paisagem (como modificada pela exploração humana), bem como a muitos tipos de imagens: pinturas, estátuas, gravuras, fotografias (Burke, 2017, p.24).

O mural é dessa forma, como documento/monumento ou atualizando o termo como um indício, entendido como:

o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa

que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira (Le Goff, 1974, p.103).

O mural tem, portanto, dupla filiação. Uma é na busca da perpetuação do passado, tempo no qual encontra seu esteio, o espírito, por onde teriam se edificado as conquistas do povo norte-americano. A outra filiação diz respeito ao futuro. O mural comunica com um tempo vindouro. A mensagem que se quer transmitir é de um tempo de prosperidade e de conquistas nas várias áreas do conhecimento e da engenhosidade humana. As conquistas norte-americanas seriam assim afiançadas por esses princípios e não teriam limites. Elas também se projetariam no espaço. No mural há a representação de um foguete como que rompendo a própria tela. O efeito criado pelo artista foi de projetar o espaço sideral rasgado pela incursão do foguete. É como se a narrativa não se encerrasse em si própria.

O movimento dos meios de transporte, sejam eles a carroça puxada por cavalo, o navio, o avião ou o automóvel, foram retratados nas extremidades e parecem escapar dos limites da tela como sinais inequívocos que a saga norte-americana continuaria em alhures. Esse é, aliás, um elemento presente, no mural. Se seus limites gráficos obviamente são denotados pelos traços do artista, as mensagens ali presentes extrapolam as dimensões das suas linhas. O movimento da história, a narrativa sobre os avanços dos Estados Unidos são elaborados de forma que cada um dos elementos que compõem a imagem são postos em movimento.

O próprio local onde se encontra o mural, o hall da Biblioteca de Humanidades, Ciências Sociais e Educação da Universidade de Purdue, é um

local associado ao movimento, à passagem. De alguma maneira todo aquele que adentra o espaço da referida biblioteca é tocado sensivelmente pela narrativa imagética.

A representação do presidente Abraham Lincoln (1861-1865) foi feita com ele centralizado no quadro. Ele está sentado, o que poderia denotar a ideia de passividade, descaso, imobilidade, mas o objetivo é justamente o contrário. É como se aquela personagem fosse o demarcador do movimento que a imagem engendra. Lincoln seria o grande artífice das medidas de 1862 e mesmo sentado, o que pode ser lido também como descansando depois de um longo trabalho, sua figura denota o movimento que fará girar toda a engrenagem.

Lincoln assina a lei proposta pelo Senador Justin Morrill, que, por sinal, parece sinalizar ao presidente o futuro promissor que estaria destinado aos Estados Unidos. Lincoln demonstra ouvir as promessas de Morrill. Seu corpo, principalmente seu pescoço e face sinalizam um leve movimento para o lado do mural que representa a passagem para o progresso. É nessa direção que caminharia a nação com as medidas de 1862.

Na imagem há também a promessa das leis ao mesmo tempo em que a narrativa será completada com à sua plena realização. Para tal ocorre também o elogio da força e do trabalho. Não é à toa que o presidente está ladeado pela representação de elementos que remetem ao povo norte-americano em pleno exercício laboral, em seu sentido físico mesmo. O movimento é nítido em direção à grandeza do país, ao seu progresso. Lincoln também parece laureado pelas luzes da Educação. As linhas rígidas da coluna em que o presidente se ampara e que no mural tem também o sentido de demarcar essa passagem, dirigem o olhar do observador para a tocha que, segura pelas mãos da Educação, emite seus raios luminosos por um amplo arco da cena retratada. O presidente é representado assim como aquele que se pauta pela força do povo e pelas luzes da Educação.

A Educação, por sinal, é aquela que nitidamente conduz os jovens estudantes rumo à iluminação pelo conhecimento. Uma cortina negra, representando a Escuridão, as Trevas, é alçada e parece distanciar-se na cena retratada, ofuscada pelas luzes da Educação. É como se ela fosse deixada para trás e o passado sombrio fosse iluminado pela ciência e pelo trabalho de homens esclarecidos. Mais uma vez a história em movimento linear (passado-presente-futuro) foi o recurso utilizado pelo artista. Já a ideia de passagem, ruptura, foi a forma encontrada para destacar essa concepção.

Os estudantes foram representados em um plano inferior, porém todos eles miram o alto e carregam em seus braços livros, símbolos do saber. O movimento que os estudantes denotam fazer é de ascensão. A promessa da Educação é pelo progresso que estaria logo após o grande obelisco que tem a função de demarcar a imagem. Porém, é possível também pensar que os jovens estudantes olham para cima e acompanham o movimento de subida dos degraus. Seria lá, no topo, que estaria a Razão, princípio e ao mesmo tempo o fim a ser alcançado conforme a promessa Iluminista da qual os Estados Unidos se fiam como herdeiros legítimos. A Educação promovida pelas *Land-Grant Colleges*, por exemplo, seria o meio para se alcançar a Razão.

O conhecimento científico seria assim uma espécie de mola propulsora para o desenvolvimento do país. Porém, o conhecimento só seria útil se aliado às atividades práticas, à força humana. Assim, ao redor dos estudantes foram representados também homens laboriosos em atividades agrícolas, minerais e industriais. Seus corpos foram realçados, sendo alguns apresentados sem camisas. Há ênfase à força física com destaque aos braços e dorsos musculosos. A força física seria uma atribuição no momento em que da natureza seria



necessário extrair a sobrevivência. Ela fora domada pela força e pelo engenho norte-americano<sup>11</sup>.

Mas, segundo a narrativa do mural, não bastaria a força física. Dessa forma os eventos de 1862 em si podem ser lidos também como o de um tempo de superação, de passagem. Momento no qual pela iluminação, atributo principal da Educação, a saga do povo norte-americano em sua conquista da sobrevivência teria sido transformada, por obra da sua força, engenhosidade e capacidade criativa. Não foi sem propósito que as figuras centrais no mural foram justamente as representações que remetem ao presidente Abraham Lincoln e ao senador Justin Morrill, duas importantes personagens na criação dos *land-grant colleges*. Nos atos dos dois indivíduos, mas, sobretudo nas medidas que eles foram protagonistas, estaria expresso o limiar de um novo tempo para a história norte-americana.

Assim, o mural foi uma tentativa de síntese através de imagens dos benefícios da tecnologia na agricultura, além de apresentar o vigor na indústria, tudo isso fruto do desenvolvimento de áreas do conhecimento e o papel da Educação nas engenharias, ciências, artes liberais e belas artes.

---

<sup>11</sup> Nunca será demais lembrar que o mural não faz referência direta aos eventos trágicos da Guerra de Secessão (1861-1865). Essa mesma força que teria sido capaz de modificar o cenário econômico do país representado pela narrativa do mural também foi a mesma força que levou aos campos de batalha milhares de mortos e um rastro de destruição e sofrimento. Por sinal, são feridas ainda em aberto na história dos Estados Unidos e que no mural foram apagadas, silenciadas. O massacre às populações indígenas durante à colonização, exploração e ampliação do território, a escravidão negra, dentre outras características não são sequer citados ou abordados no mural. As bombas e mísseis que são mostrados no navio *Abundância* como sinal de superioridade tecnológica também, claro, não são relacionadas à destruição e à guerra. Aqui me lembro de Benjamin (2016, p.13): "não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também não o pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro". E também de Le Goff (1974, p.103): "No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira". Assim o mural em análise está repleto de omissões, propositais ou não, mas que representam e afiançam uma determinada visão da trama histórica de um determinado período dos Estados Unidos.

O mural conecta o passado, o século XIX, aos anos iniciais da década de 1960 e sua projeção para os anos seguintes dentro de uma lógica de disputa de hegemonia no cenário internacional. Seu objetivo foi de construir e afirmar a memória desse percurso de cem anos, entre 1862 e 1962.

Ao mesmo tempo visava educar as sensibilidades através de uma narrativa imagética pautada na valorização de signos que seriam constituintes dos Estados Unidos, mas que deviam ser difundidos para outros povos. Ele tinha o duplo sentido: falar de si e para si, mas falar para outros povos também. Signos representando a Verdade, a Razão como fim a ser alcançado pela obra da Educação e a Abundância estão presentes nesse mural como forma de justificar a propagação de uma espécie de propósito norte-americano para o mundo. Enquanto a Verdade aparece sob as luzes da Educação e esmagando a máscara da Falsidade, a Abundância, inclusive, foi representada por um navio carregado que exporta para o mundo a produção dos Estados Unidos.

A cena representando a Abundância dá sequência também a ideia de movimento presente em toda a narrativa do mural. No canto inferior esquerdo um jovem estudante com um livro em suas mãos está em pé em uma canoa que se aproxima do grande navio, a Abundância. Mais uma vez é como se pela Educação aquele jovem representasse a transição para a vida adulta, uma vida de prosperidade, de abundância. Esta seria o resultado do trabalho de homens e mulheres incansáveis, que inspirados pelas luzes da Educação levariam mercadorias e ideias para os quatro cantos do planeta<sup>12</sup>.

Ao observar o mural da esquerda para a direita, é possível deduzir que o fim em si da narrativa é o da expansão para o mundo no qual os Estados

---

<sup>12</sup> Sobre uma descrição dos elementos Educação, Verdade *versus* Falsidade e Abundância, ver: <https://www.lib.purdue.edu/libraries/hsse/spiritlandgrant>. Acesso em 26/10/2024.

Unidos levariam seus valores culturais e bens materiais produzidos para todos os povos<sup>13</sup>.

Naquele contexto de Guerra Fria também estava representado o poderio bélico norte-americano, um dos símbolos que visava enaltecer os Estados Unidos na disputa com a União Soviética. Lançadores de projéteis e mísseis compõem a cena e seriam uma afirmativa de que o capitalismo se impunha tanto pelas conquistas nas mais diversas áreas, mas também em termos da corrida armamentista. Aliás, para aqueles anos iniciais da década de 1960 não faltam exemplos de questões envolvendo a disputa entre Estados e União Soviética. Um dos exemplos clássicos dessa disputa aconteceu em torno da ação do então líder soviético Nikita Krushev de pretender instalar mísseis em Cuba em 1962. A guerra total nunca esteve tão perto como naqueles dias:

A crise dos mísseis cubanos de 1962, um exercício de força desse tipo inteiramente supérfluo, por alguns dias deixou o mundo à beira de uma guerra desnecessária, e na verdade o susto trouxe à razão por algum tempo até mesmo os mais altos formuladores de decisões (Hobsbawm, 1998, p.227).

Cuba, por sinal, era naquele contexto, uma das áreas do mundo na qual a tensão da Guerra Fria estava mais em evidência. Em 1959 havia sido vitorioso um levante que contou com a participação de diferentes atores de variados espectros políticos contra o decadente e corrupto governo de Fulgêncio Batista. Fidel Castro, líder daquele movimento, acabou herdando o poder.

---

<sup>13</sup> É interessante citar que os Estados Unidos se ofereceram e se apresentaram ao mundo como guardiões de seus valores e fiadores de uma proposta de sociedade. Assim, não é de se estranhar que a expressão ajuda internacional ou cooperação tenham sido recorrentemente utilizadas. No *Yearbook of Agriculture* de 1964 pode-se extrair vários exemplos de propostas e ações de ajuda internacional a partir dos Estados Unidos, incluindo tanto o Governo daquele país quanto instituições privadas, no sentido de estender a todos aqueles que se dispusessem os conhecimentos técnicos e científicos utilizados na agricultura norte-americana. Ver: Davenport (1964); Hearne, Harvey, Nichols (1964); Moseman, Hill (1964); Fitzgerald (1964).

No início da década de 1960, Cuba cada vez mais se aproximou das ideias marxistas-leninistas capitaneadas pela União Soviética. Ideias como reforma agrária, luta anti-imperialista e outras medidas consideradas populares provocaram o temor dos norte-americanos de que aquele movimento se transformasse em um exemplo que ameaçasse a sua hegemonia, por exemplo, na América Latina.

Para o governo norte-americano era preciso barrar Fidel e seu grupo. Em abril de 1961 forças contrarrevolucionárias treinadas pela CIA nos Estados Unidos tentaram uma invasão na Baía dos Porcos. As forças cubanas conseguiram vencê-los. Era o primeiro passo de uma história que seria carregada de cores heroicas na sua construção mitológica que acendeu a imaginação principalmente de parcelas da juventude de várias partes do mundo.

Os Estados Unidos, daí em diante, mesclaram ações diplomáticas, econômicas e no campo da cultura que visavam amenizar o impacto negativo que o Governo Kennedy havia sofrido após a fracassada invasão da Baía dos Porcos. Em relação à América Latina, principalmente, foram criados ou reforçados programas e ações de ajuda ou cooperação internacional envolvendo agências estatais ou fundações privadas com o intuito de modernizar e desenvolver a agricultura, por exemplo, bem como outras áreas como saúde e educação. Aliança para o Progresso, *Peace Corps*, programas de formação da juventude rural foram alguns das inúmeras ações naquele contexto<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Para o contexto do início da década de 1960 ver: Hobsbawm (1998). Sobre a relação Brasil e Estados Unidos naquele contexto ver: Moniz Bandeira (2011). Em se tratando da Aliança para o Progresso, os *Peace Corps* e programas voltados para às áreas da agricultura, educação e saúde, ver: Azevedo (2008); Selser (1964); Gomes (2019).

## A celebração do primeiro centenário do USDA em 1962

Em 1962, ano seguinte à colocação do mural na entrada da referida biblioteca na *Purdue University*, celebrou-se o primeiro centenário da criação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Em artigo publicado na *Revista Turrialba*<sup>15</sup>, Shaw (1962), então funcionário do Serviço de Pesquisa Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – USDA, enfatizou a importância desse órgão na transformação das práticas agrícolas daquele país.

Shaw discorreu sobre o primeiro centenário do USDA e destacou a importância da investigação científica no progresso e no aumento da produtividade da agricultura nos Estados Unidos.

Segundo esse autor, para além da introdução de maquinários, sementes selecionadas e técnicas de produção baseadas em critérios científicos, as mudanças nas formas de pensar e agir frente às “forças da natureza”, teriam sido fundamentais para que a agricultura norte-americana fosse considerada no início da década de 1960 “a mais eficiente do mundo e por ter a população daquele país uma quantidade de comida e fibras sem precedente até então” (Shaw, 1962, p.165).

Ele também ressaltou a projeção das atividades do USDA para a expansão de técnicas e tecnologias para outros países em programas de

---

<sup>15</sup> A *Revista Turrialba - Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas* foi uma publicação do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas – IICA, que tinha como sede a cidade de Turrialba na Costa Rica. Teve periodicidade trimestral e circulou entre 1950 e 1995. Ela foi um veículo de divulgação da produção científica em torno das ciências agrícolas e que mantinham algum tipo de relação com as Américas. Principalmente na seção *Ciencia agrícola en las Americas*, renomeada como *Notas y Comentarios* a partir da edição nº2, vol.12 (abril/jun/1962), foram publicadas notas sobre conferências internacionais, programas de investigação, extensão e educação e outros assuntos que fossem relacionados às ciências agrícolas no continente americano.

cooperação internacional, pois os problemas relacionados às “doenças vegetais e animais e às pestes não são definidas ou confinadas pelas fronteiras geográficas” (Shaw, 1962, p.171).

Assim como forma de contribuir com a solução de problemas não limitados às fronteiras entre os países, Shaw vislumbrava a cooperação internacional na área agrícola, na qual estaria presente a dimensão da mudança de mentalidade e de comportamento dos agricultores:

A medida da mudança não pode ser descrita somente em termos de mais tratores, maiores rendimentos por acre, vacas de maior produção ou mais ovos por galinha. A verdadeira dimensão da mudança reside na diferença de mentalidade e atitudes dos agricultores. Eles tomaram a ofensiva contra as forças da natureza. Baseiam suas operações agrícolas em fatos científicos sólidos. Eles utilizam técnicas de gerenciamento para combinar terra, trabalho e capital para obter os maiores lucros possíveis em suas empresas (Shaw, 1962, p.165).

Nesse entendimento, mais do que tratores ou sementes selecionadas, a transformação na agricultura só seria possível com a constituição de homens e mulheres que, diante da lida diária em suas plantações e residências, estivessem dispostos e fossem capazes para buscar os melhores meios e técnicas de produção. Nesse sentido isso estaria relacionado à constituição de outra forma de sensibilidade nos meios rurais onde os elementos considerados representantes do atraso e do tradicionalismo seriam postos de lado, frente aos desígnios da racionalidade científica. No mesmo feixe de transformações que redundaria na oficialização de um serviço de Extensão Rural nos Estados Unidos no início do século XX com a promulgação do *Smith-Lever Act* em 1914, estariam presentes a criação do USDA, da *Morril Act* e os *Land-Grant Colleges*, ou seja, as medidas aprovadas em 1862. Afirmo assim que a dimensão educacional foi uma das premissas básicas para o êxito do desenvolvimento agrícola dos Estados Unidos.

Na mesma *Revista Turrialba*, porém em um número anterior ao qual foi publicado o artigo de Shaw, já havia sido destacado o caráter educacional e internacional do USDA em seu primeiro centenário:

Em 1962 se celebra com numerosas atuações e homenagens o primeiro centenário da criação do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. A lei que estabeleceu o Departamento, firmada pelo presidente Lincoln em 15 de maio de 1862, marcou o fim de muitos anos de esforços. Os objetivos assinalados na lei original eram adquirir e difundir entre o povo dos Estados Unidos informação útil nos assuntos relacionados com a agricultura e procurar propagar e distribuir entre os agricultores sementes e plantas novas e valiosas. Desde essa data até agora o Departamento se converteu em uma das maiores instituições de investigação e educação do mundo. [...]. Esta influência se tem projetado para além das fronteiras dos Estados Unidos mediante programas de ajuda técnica para os que se põe à disposição de outros países a experiência e conhecimentos científicos acumulados pelos norte-americanos (Turrialba, 1962, p.112).

Também foi salientado que em 1862 o congresso norte-americano aprovou a *Morril Act* que estabeleceu o Sistema *Land-Grant College* dos Estados Unidos:

De acordo com esta Lei, terras públicas foram doadas para os Estados e Territórios, a fim de fornecer colégios para o ensino da agricultura e das artes mecânicas. Naquele mesmo ano, o Homestead Act foi aprovado, dando livremente extensões para aqueles que estavam dispostos a cultivá-lo. Em 1887, o Congresso aprovou a Lei da Estação Experimental Hatch, que previa o estabelecimento de uma estação experimental agrícola em conexão com as instituições Land-Grant de cada Estado e Território. A legislação previa o uso de fundos federais para esse fim, a serem administrados pelo Departamento de Agricultura. Em 1914, foi desenvolvido um sistema nacional de extensão agrícola, que trouxe novas ideias e tecnologia para milhões de agricultores da Nação, não só para as escolas e colégios, mas para as multidões em suas próprias fazendas. [...] O esforço cooperativo em pesquisa e educação foi financiado

publicamente pelos governos federal, estadual e de condado. Nos últimos anos, a indústria privada, as organizações agrícolas e as fundações privadas têm assumido uma parte mais ativa (Shaw, 1962, p.167).

Sobre a criação das *Land-Grant Colleges*, após a *Morril Act*, pode-se afirmar que

quase setenta instituições foram criadas como *land-grant colleges* ou universidades estaduais, principalmente no Oeste, conforme as exigências da lei, que previa como finalidade para as mesmas a educação da classe trabalhadora, com ênfase no ensino de ramos do conhecimento relacionados à agricultura e às artes mecânicas, envolvendo ainda os estudos clássicos e os estudos científicos. [...] A pressão para construir algo para ensinar acabou por produzir a pesquisa de um modo muito prático. Além da pesquisa aplicada a difusão de conhecimentos por especialistas em Agronomia e Veterinária junto às comunidades locais foi outra prática que caracterizou aqueles estabelecimentos (Ribeiro, 2016, p.82).

Por sinal, a mesma *Revista Turrialba*, sublinhou a constituição e a importância do Sistema *Land-Grant* em um texto intitulado *Land-Grant Institutions and Technical Cooperation*, de autoria de Ross E. Moore, Diretor Assistente do *Office of Foreign Agricultural Relations*<sup>16</sup>, anteriormente ao contexto do primeiro centenário das medidas de 1862. Nele, afirmava que:

O Sistema Land-Grant tem tido um profundo efeito na vida do povo dos Estados Unidos, especialmente em áreas rurais. O sistema atual inclui 69 instituições, variando em tamanho desde a Universidade do Alasca com aproximadamente 400 estudantes, para a Universidade da Califórnia com aproximadamente 40 mil em várias cidades universitárias diferentes de muitas localidades separadas. (Moore, 1951, p.276).

---

<sup>16</sup> Escritório de Relações Exteriores Agrícolas.



Outro importante documento que também ressaltou o primeiro centenário do USDA foi o *Anuário da Agricultura do ano de 1962*. Com o subtítulo *After a hundred years*<sup>17</sup>, o anuário destacava nas suas quase 700 páginas os avanços da agricultura norte-americana entre 1862-1962. A palavra *progress* (progresso) foi enfatizada em vários momentos. Tudo isso dentro do mais estreito espírito iluminista na qual a sociedade norte-americana se rejubila por ter sido formada. O progresso referendado, inclusive, não era aquele que se referia apenas à economia ou às instituições em si, mas o da mente humana, sobretudo. Era a partir dela e por causa desse progresso que tudo girava, segundo os defensores dessa visão de mundo que colocava os Estados Unidos no centro.

Nessa lógica, nesse país estaria sendo formado um novo homem, aquele que iluminado pela Educação construiria uma nação de homens cultos, ativos e imbuídos de um *ethos* progressista, alcançariam a Razão. Logo no prefácio dessa obra, o então Secretário de Agricultura, Orville Lothrop Freeman, faz um elogio a esses princípios ao citar Thomas Jefferson que teria dito que:

leis e instituições devem andar de mãos dadas com o progresso da mente humana, à medida que esta se torna mais desenvolvida, mais iluminada, à medida que novas descobertas são feitas, novas verdades são descobertas e modos e opiniões mudam com a mudança de circunstâncias, as instituições devem avançar também para manter ritmo com os tempos (Freeman, 1962, p.VII).

Toda essa obra é um grande panorama sobre as transformações das diversas áreas nas quais o USDA atuou. As seções do Anuário foram, inclusive, construídas com os seguintes temas: Plantas, Conservação, Florestas, Animais, Insetos, Tecnologias, Mercados, Economia, Educação e Moradia. Em cada um deles todas as conquistas foram ressaltadas como resultado da engenhosidade

---

<sup>17</sup> Depois de cem anos.

norte-americana. Ao mesmo tempo, como no mural *The Spirit of the Land Grant College*, tinha um fio no passado, mas voltado para o futuro e visava reforçar a atribuída proeminência dos Estados Unidos frente aos demais países e sendo uma espécie de guardião do chamado mundo livre com uma missão a ser encaminhada para os quatro cantos do mundo.

Nas palavras do Secretário de Agricultura, os Estados Unidos deveriam atuar como uma espécie de estimuladores do desenvolvimento de outros países a superar o suposto atraso. Mudanças comportamentais e culturais eram de tal forma entendidas como responsáveis por desencadear as transformações sem abalar as estruturas econômicas e políticas e muito menos sem o perigo revolucionário que rondava aqueles anos de efervescência ideológica de início da década de 1960:

Precisamos de ajustes em marketing, economia, agências sociais, atitudes e, em alguns lugares, leis. Precisamos, também, usar nossa abundância para ajudar os famintos e nus na família universal da qual fazemos parte. Nossa humanidade, nossa posição em um mundo livre ditam esta obrigação de promover a paz e a segurança. Podemos fazer isso compartilhando nossa fartura e nossa experiência como proprietário e operação de terras e nossas habilidades científicas. Isso é mais do que simples caridade; é um investimento no crescimento econômico e na maturidade nacional de países cujo desenvolvimento começou depois do nosso (Freeman, 1962, p.VI).

### Considerações finais

Discursos e ações voltados ao desenvolvimento agrícola norte-americano tais como a defesa da racionalidade, da investigação científica, de uma educação prática baseada no princípio do *“learning by doing”*<sup>18</sup>, mudanças de mentalidade, ajuda técnica e econômica, bem como o papel dos Estados Unidos

---

<sup>18</sup> “Aprender fazendo”.

no cenário mundial foram temas que tiveram uma longa tradição naquele país. Tais temas se conectam aos mitos fundadores do povo norte-americano, ao mesmo tempo em que foram difundidos com o intuito de demonstrar o que acreditavam ser a proeminência dos Estados Unidos enquanto nação modelar.

É substancioso que em momentos de crise, conflitos bélicos como a Guerra de Secessão, no século XIX ou em um dos períodos mais tensos da Guerra Fria, início da década de 1960, o americanismo foi resgatado ou incentivado, se valendo de diferentes meios e suportes para sua difusão.

Foi justamente no contexto do início da década de 1960 que os valores do americanismo foram resgatados e atualizados. Naquele cenário, a América Latina, por exemplo, passou a reverberar ainda mais os projetos de modernização, principalmente das atividades agrícolas, oriundas da experiência norte-americana. Publicações de artigos que narraram a trajetória da transformação da agricultura dos Estados Unidos, bem como o mural da *Purdue University*, são algumas amostras que visavam conectar o passado norte-americano com o futuro, ao mesmo tempo em que propagandeavam a visão de mundo daquele país em um momento de fortes disputas ideológicas.

Mas, se por um lado, nesse artigo destaquei elementos voltados ao que poderíamos definir como os meios rurais e as atividades daí inerentes como a agricultura, considero que esteve em jogo, durante todo esse período, aquilo que Gramsci captou como sendo um ethos, "uma mudança de ser e viver e como tal é processo de configuração subjetiva" (Warde, 2000, p.43). Mudança essa que não se restringiu aos limites territoriais dos Estados Unidos, mas que sempre esteve em movimento, oscilando entre afirmações, adaptações e atualizações dos objetivos projetados do americanismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Cecília. **Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2008.

BARROS, José D'Assunção (org.) **História digital: a Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica.** São Paulo: Editora da UNESP, 2017.

DAVENPORT, Charles R. **The Inter-American System.** In: United States Department of Agriculture - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World.* Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1964.

FITZGERALD, D.A. **Foreign Assistance Programs.** In: United States Department of Agriculture - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World.* Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1964.

FREEMAN, Orville Lothrop. **Foreword.** In: United States Department of Agriculture - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1962. After a hundred years.* Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1962.

GOMES, Leonardo Ribeiro. **Circulação de prescrições para a formação da juventude rural no Brasil e nos Estados Unidos: a experiência dos Clubes 4-S e 4-H no pós Segunda Guerra Mundial.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

HEARNE, Cannon C.; HARVEY, William E.; NICHOLS, Andrew J. **Sharing our knowledge.** In: United States Department of Agriculture - USDA. *The Yearbook of Agriculture 1964 - Farmer's World.* Washington, D.C: The United States Government Printing Office, 1964.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2016.

LE GOFF, Jacques. **Documento/ Monumento**. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Memória/ História, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1974.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil. (dois séculos de história)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950-1988)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOORE, Ross E. **Land-grant Institutions and Technical Cooperation**. In: Turrialba. Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas. Instituto Interamericano de Cooperacion para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 1, nº 6, trimestre Octubre-Diciembre, 1951.

MORAIS, Gabriela de Souza. **Where we've planted our roots: representações da colônia puritana no século XIX**. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

MOSEMAN, A. H.; HILL, F.F. **Private Foundations and Organizations**. In: United States Department of Agriculture. The Yearbook of Agriculture 1964 – Farmer's World. Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1964, p. 523-534.

RIBEIRO, Maria das Graças. **A educação superior norte-americana: gênese de um modelo**. In: História da Educação [online]. Porto Alegre, v. 20, nº 48, jan/abr. 2016, p. 75-93.

SELSER, Gregorio. **Alianza para el Progreso. La mal nacida**. Buenos Aires: Ediciones Iguazú, 1964.

SHAW, Byron T. **A century of progress. The United States Department of Agriculture.** In: Turrialba. Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas. Instituto Interamericano de Cooperacion para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 12, nº 4, trimestre Octubre-Diciembre, 1962.

SILVA, Ana Paula da; OLIVEIRA, Julieta Teresa Aier de. **O modelo cooperativo de extensão dos Estados Unidos: contribuições possíveis para o Brasil.** In: Revista Ceres, Viçosa, v. 57, nº 3, p. 297-306, maio/jun, 2010.

SILVA, Claiton Márcio da. **De agricultor a farmer: Nelson Rockefeller e a modernização da Agricultura no Brasil.** Curitiba: Editora da UFPR, 2015.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOTA, Antônio Pedro. **Os americanos.** São Paulo: Contexto, 2014.

TURRIALBA. **Revista Interamericana de Ciencias Agrícolas.** Instituto Interamericano de Cooperacion para la agricultura. IICA. San Jose, Costa Rica, Vol. 12, nº 3, trimestre Julio-Setiembre, 1962.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. **The Yearbook of Agriculture 1962. After a hundred years.** Washington, D.C.: The United States Government Printing Office, 1962.

WARDE, Mirian Jorge. **Americanismo e Educação: um ensaio no espelho.** In: São Paulo em Perspectiva, 14 (2), 2000.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.